

Protagonismos, resistências e circulação das pesquisas em Comunicação: expectativas renovadas em 2023

Protagonisms, resistance and circulation of research in Communication: renewed expectations in 2023

Protagonismos, resistencias y circulación de la investigación en Comunicación: expectativas renovadas en 2023

Denise TAVARES¹
Larissa MORAIS²

Dentre os imensos desafios que atravessam a área da Comunicação e Informação, um dos mais significativos talvez seja encontrar a justa avaliação dos periódicos da área. Premidas pela imposição/necessidade da internacionalização, nossas revistas acadêmicas, em especial as vinculadas às universidades públicas, enfrentam imensas dificuldades de se adequarem às exigências dos indexadores internacionais. Um dos motivos é a dificuldade de manterem uma estrutura mínima profissional em função dos brutais cortes de verba direcionados à ciência e educação no Brasil nos últimos seis anos. Outro aspecto relevante é que, a despeito da globalização que tendeu a uniformizar uma série de fenômenos vinculados às culturas nacionais, boa parte das temáticas que pautam as pesquisas da área é percebida apenas em sua dimensão local, o que pode dificultar circularidades geográficas mais amplas.

Mas, para além desse quadro sintético e algo esquemático que afirmamos, o fato é que 2022, desde o seu emblemático 30 de outubro, abre outro movimento do país com a ciência, recuperando e renovando as expectativas de relações potentes com o

¹ Doutora em Integração Latino-americana e Mestre em Multimeios. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: denisetavares51@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5692-7356>

² Doutora e mestra em Comunicação, respectivamente pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da UFF. E-mail: larissamorais@id.uff.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6906-1635>



conhecimento científico, pautado por práticas democráticas no país. Não à toa, mesmo que ainda sob o incômodo e violência de uma minoria que não aceita a recusa do povo brasileiro em persistir no caminho da destruição do país, um alívio percorre os dias seguintes do citado dia. E embalados por esses ares mais leves, junto com todas e todos que não desistiram das suas investigações e discussões durante os tristes últimos seis anos, a Revista Mídia e Cotidiano inicia seu décimo ano de existência com uma edição muito impactada pelo reconhecimento da importância dos protagonismos e resistências que atravessam hoje as pesquisas da área.

Trata-se, portanto, de não negar esse caudaloso contexto que é permeado tanto pelas dificuldades que se avolumaram nos últimos anos como pela imensa disposição de investirmos nos processos que vão permitir maior circulação da Mídia e Cotidiano. Nossa avaliação – e esperamos que você, leitor, leitora, concorde – é que conseguimos configurar, graças às excelentes contribuições recebidas, um painel relevante de muitas das principais questões que inquietam a área e, por extensão, a sociedade - essa que está, mais do que nunca, midiaticizada, e onde o cotidiano emerge como um tempo-espaço determinante para compreensão dos fenômenos sociais, culturais e econômicos. Tal entrelaçamento – mídia e cotidiano – traduz-se, nessa edição, por diversos vieses que confirmam a emergência de abordagens e discussões que mobilizam pesquisas potentes, capazes de diálogos com a história brasileira não-oficial, está que está colocada por embates diários pela vigência da cidadania plena nesse país ora tão devastado.

Por isso mesmo, iniciamos a Seção Livre reconhecendo que o discurso político que envolve a temática da corrupção continua absorvendo, midiaticamente, as ações e erros grosseiros - em termos de decisões políticas – de parte significativa da população do país. Assim, abrimos a edição com o artigo *Da corrupção política à midiaticização do escândalo: a construção jornalística no início do “Caso Queiroz”*, de Lucas Arantes Zanetti, Caroline Kraus Luvizotto e Milena Carolina de Almeida. No texto, os autores analisam cinco veículos jornalísticos distintos que cobriram o chamado “Caso Queiroz”, tendo, entre outros objetivos, o propósito de compreender a construção, a partir das notícias, dos mecanismos, acionados pelo jornalismo, que transformam casos de corrupção em escândalo político, com consequências que, não raro, embaralham o senso comum.



Na sequência, mantendo o foco no jornalismo, publicamos o texto intitulado *Sob o olhar da desconfiança: jornalistas como alvo de desinformação na pandemia da Covid-19*. Neste artigo, seus autores Marcia Rodrigues Lisboa e Allan de Gouveia Pereira, discutem a mudança de lugar desse profissional, agora observado com significativa desconfiança. Para empreender a análise, foram observadas no período que vai de janeiro de 2020 a junho de 2021, duas agências de verificação brasileiras, tendo como questões centrais para esse exercício analítico, tanto a expansão da desinformação como as normas e práticas que definem o jornalismo.

O texto seguinte desta edição – *Comunicação, migração e trabalho escravo contemporâneo: caminhos metodológicos para uma pesquisa em colaboração* – cujos autores são Flávia de Almeida Moura; Jeyciane Elizabeth Sá Santos e Raiama Portela, tem como um dos seus objetivos propor estratégias metodológicas de pesquisa de campo que sejam não só mais participativas, mas que levem em consideração também os sujeitos pesquisados. O artigo, que apresenta parte dos resultados de uma pesquisa em andamento, articula um arcabouço teórico-metodológico constituído a partir das chaves conceituais da pesquisa, observadas a partir de Freire (1977) e Prado (2016). Além dessas discussões, os autores apresentam o relato de duas produções que são resultados da pesquisa empreendida.

Realizando uma espécie de inversão da abordagem, a contribuição seguinte, de autoria de Carlos Alberto de Carvalho e Aleone Rodrigues Higidio, é articulada a partir das questões que envolvem um sujeito-pesquisador negro quando este decide pesquisar os impactos e percursos originários da relação colonial, sobre um ícone da contracultura do país, João Francisco dos Santos, conhecido como Madame Satã. De acordo com os autores de *João Francisco dos Santos não é Madame Satã: Colonialidades, Racismo e a Disputa de Imaginários Acerca de Sujeitos Negros LGBTQIAP+*, até mesmo em obras onde haveria espaço para se fraturar o racismo e a LGBTQIAP+ fobias, como no filme ficcional de Karim Aïnouz intitulado “Madame Satã” (2002), isso não ocorre, o que traz, entre outras consequências, a manutenção dos estereótipos que cercam esse artista. Com esse e outros diagnósticos, os autores trazem os estudos raciais, em especial de autores e autoras negras, bem como os estudos decoloniais, como estratégias que podem reverter o processo de objetificação de João Francisco.



Também reconhecendo o quão é essencial o foco no racismo estruturante do país, o pesquisador Paulo Melo, em *A necessária centralidade da questão étnico-racial nas Políticas Públicas para as Comunicações: propostas para o caso brasileiro*, desenvolve uma série de apontamentos sobre a importância de elaboração e vigência de políticas públicas que tenham como diretriz a garantia de equidade étnico-racial se o objetivo é mesmo contribuir para ampliar o caráter democrático das comunicações. Conforme o autor, não basta apontar para qualificações como diversidade, liberdade de expressão e pluralismo, entre outros critérios que comumente são destacados como atributos imprescindíveis para a constituição de uma comunicação verdadeiramente democrática, em um país como o Brasil, onde o racismo atravessa todas as faixas sociais e econômicas. Convicto, portanto, desse imperativo, o artigo tece suas propostas, tensionando os muitos discursos que não incorporam a pauta que Melo levanta.

É com o olho na história do país que o texto seguinte *Jornalismo e mulheres na História: entre o silenciamento e o resgate da memória das cangaceiras*, também se desenvolve. Desta vez, o protagonismo é das mulheres, ou melhor, do quanto o jornalismo contribuiu para a dominação masculina e a consequente objetificação feminina. Para demonstrar o que argumentam os autores Lais de Mello Rocio e Rafael Paes Henriques analisam uma série de reportagens que se debruçam sobre a participação das mulheres em relatos históricos, destacando, em especial, um capítulo de um livro-reportagem sobre Maria Bonita, de autoria de Negreiros (2018). Com este percurso Rocio e Henriques propõem uma revisão teórica do jornalismo, que contribua para a construção de outros significados e memórias, desta vez articulados a conceitos feministas.

O artigo seguinte mantém a discussão em torno das mulheres. Aqui, Bárbara Santos Aires e Andrea Lopes trazem uma temática mais contemporânea, confirmando os múltiplos caminhos que envolvem os protagonismos e resistências na sociedade atual. Com o título *Revolução grisalha: libertação e midiatização*, o artigo das autoras apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida em 2021, que consultou fontes primárias e secundárias tanto em português como em inglês, para mostrar os debates que envolvem as narrativas centradas no movimento das mulheres assumirem (ou não), seus cabelos grisalhos. Entre outras conclusões, ambas apontam que são mantidas determinadas disputas discursivas entre as motivações e conquistas da



escolha pelo branco: de um lado, apontam um processo de libertação dos padrões impostos de beleza e, de outro, que seria uma tendência da moda, garantida pelo processo de midiaticização. Um cenário que contribuiu muito para a emergência de um novo profissional, foco do próximo artigo: *Entre dádivas e pesares: reflexões sobre a profissão de influenciador digital “lifestyler”*. Tendo como autoras Marianny Jessica de Brito Silva, Leticia Linhares Saraiva de Alencar e Agatha de Sousa Moura, o texto tem como objetivo discutir as motivações e os fatores negativos que integram a profissão deste influenciador digital específico, o *lifestyler*. A proposta significou a realização de uma série de entrevistas com esses profissionais, de modo a identificar as duas faces que compõem essa atividade, a partir das suas visões e experiências de atuação. O resultado que Silva, Alencar e Moura apresentam arrola como elementos que impulsionam a permanência tanto as vantagens econômicas quanto as mais subjetivas que, em última análise, também implicam em monetização positiva. Como contraponto, esses *influencers* destacam vidas sob pressão que parece não ter limites, o temor constante em relação à perda de prestígio e credibilidade, além da constante ameaça de perda financeira. Em outras palavras, vidas bastante sintonizadas à lógica predatória do capitalismo neoliberal, sempre costurado pela instabilidade e incerteza.

Fechando essa Seção Livre, os dois últimos artigos vão abordar, com perspectivas bastante distintas, o cinema. No primeiro, intitulado *“Hashtags” em curadorias transmídia para festivais de cinema e a experiência do MixBrasil*, seus autores, João Carlos Massarolo e André Fischer, vão analisar e discutir o uso de *hashtags* como estratégico na ampliação do engajamento do público em festivais que hoje ocorrem em plataformas digitais em função das mudanças de comportamento dos espectadores de filmes e festivais, bastante acentuadas pela pandemia. Outro aspecto que o artigo foca é o papel das *hashtags* na perspectiva da convergência de diferentes linguagens e formatos, o que traz para os curadores de festivais novos desafios quanto às formas de pensar a viabilidade dos eventos.

Na sequência, trazemos o artigo *Futuros Humanos: os corpos do amanhã*, de Eduardo Duarte e Gustavo Ramos, sobre as produções cinematográficas do gênero ficção científica. Apresentando resultado de pesquisa que articula imaginário e tecnologia em filmes futuristas, o texto investiga as projeções que estas obras trazem sobre o futuro do corpo humano, observado em suas múltiplas recriações, tanto físicas como cognitivas. De acordo com Duarte e Ramos, a pesquisa foi guiada por uma



interrogação-chave que visava encontrar respostas quanto às emoções que estariam sendo apresentadas nestas obras que, em tese, estariam desvelando um futuro imaginado que não descarta medos, anseios, esperanças. Para tanto, a dupla estudou 83 filmes, buscando identificar neste processo qual imaginário social vai se desenhando a partir de protagonismos que incluem formas híbridas do homem com a máquina, humanização desta última, além da emersão de novas subjetividades.

Após este percurso pelos artigos da Seção Livre, a edição se completa com uma entrevista com o professor da Universidade do Texas, em Austin, Joseph Straubhaar, realizada por Adilson Vaz Cabral, do Mídia e Cotidiano. Sob o título *Novos fluxos do audiovisual e as audiências na América Latina* é possível acompanhar as reflexões de Straubhaar sobre o mercado global do audiovisual, observado à luz das novas tendências de consumo que, na visão do professor do Texas, redefinem também as produções atuais, bem como suas circulações pelo *streaming* e meios tradicionais. O que guia a entrevista é seu livro *From Telenovelas to Netflix: Transnational, Transverse Television in Latin America*, publicado em 2021 e ainda não traduzido para o português. Na obra, ele discute as políticas para o setor audiovisual na América Latina, considerando a necessidade de uma melhor compreensão sobre o cotidiano dos processos completos que o envolvem. Vale destacar que Straubhaar é considerado um dos mais significativos pesquisadores do audiovisual latino-americano, em especial da telenovela brasileira. Esse interesse se consolidou a partir de estágios que realizou em universidades brasileiras, quando desenvolveu pesquisas sobre o tema que são referências tanto no Brasil como no exterior.

E assim concluímos a edição desejando que 2023 seja, de fato, um ano potente e de ótimas realizações para toda a área da Comunicação e Informação. Mobilizadas para que assim ocorra, encerramos, lembrando que as chamadas para as duas próximas edições da Revista Mídia e Cotidiano já estão abertas.

Boa leitura!

Denise Tavares e Larissa Morais (Editoras)



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.